



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

A relação com os parceiros de um projeto de extensão: dificuldades que movem aprendizados¹

Milena Aíssa da Silva Guilmo²
Universidade Federal do Paraná

João Eduardo Pereira Pedro³
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Participar de um projeto de extensão é a oportunidade de sair do ambiente acadêmico e levar conhecimento para a sociedade. Na prática, nem todas as experiências são positivas e os extensionistas lidam com desafios, tais como: questões burocráticas e administrativas, relacionamento estabelecido com a comunidade-alvo, planejamento de oficinas interessantes e gestão de gastos financeiros. Este artigo contém o relato de três projetos vinculados ao Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), os quais foram encerrados devido à conturbada relação com os parceiros. A partir do término das parcerias, é possível analisar o ocorrido de um modo geral a fim de refletir e aprender com as experiências que não deram certo.

Palavras chave: educomunicação; comunicação popular; projeto de extensão; parcerias; desafios

A universidade pública brasileira possui determinados deveres com a sociedade, sendo um deles a produção de conhecimento científico realizado pela área de pesquisa, responsável por enriquecer o país no campo das diversas ciências. A outra prática fundamental diz respeito à área de extensão, que tem

¹ Trabalho apresentado na XIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã - "Comunicação, Direitos Humanos e Diversidade", realizada na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, MA, de 21 a 23 de novembro de 2018. Este trabalho é relato de experiência sobre as dificuldades de relacionamento entre oficinairos e atingidos, desenvolvido como parte das atividades dos autores como extensionistas do programa Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) da Universidade Federal do Paraná - PR

² Aluna de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, milena.aissa@gmail.com.

³ Aluno de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, joaoeduardo.jor@gmail.com.



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

como objetivo levar a produção acadêmica para ambientes além do universitário, de modo a atingir a população. O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) é um programa de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR), formado por alunos dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, que se baseia em duas vertentes: a Educomunicação e a Comunicação Popular. Em 2018, o núcleo completa 15 anos de atividades na área de extensão, com um histórico marcado de atuações em escolas públicas, movimentos sociais e migratórios, regiões em situação de vulnerabilidade socioeconômica e grupos marginalizados pela sociedade.

Assim como todo programa ou projeto de extensão, o NCEP enfrenta algumas dificuldades que interferem na rotina de extensão. O núcleo é composto por universitários do primeiro ao quarto período do curso, de acordo com o regimento interno, que permite a permanência por até dois anos. Devido à adequação ao calendário acadêmico, as atividades iniciam a partir do mês de fevereiro. Porém, o resultado do processo seletivo para a aprovação de uma gestão para um ano letivo inteiro, só acontece no fim de março – até lá, poucos projetos acontecem. A rotatividade de membros, inclusive, já foi questionada por integrantes do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), que eram parceiros do núcleo na produção do jornal “A Laje”.

Outro fator que influencia o desenvolvimento das atividades de extensão é o financeiro. O dinheiro do caixa é proveniente de 10% do valor de cada bolsa recebida – ao todo, seis participantes são bolsistas. Os gastos destinam-se à participação de eventos e ao deslocamento semanal com transporte coletivo para a execução de oficinas. Hoje o programa possui sete projetos vinculados, sejam eles fixos (oficinas periódicas ao longo do ano), ou pontuais (oficinas que ocorrem em um período determinado).

A dificuldade de conciliação entre escola e universidade

Uma das duas vertentes trabalhadas pelo NCEP é a Educomunicação, que na definição do autor Ismar de Oliveira Soares é “integrar às práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação”. Em outras palavras, é uma forma de educar por meio das práticas e técnicas de comunicação. Um exemplo da aplicação de tal conceito foi a parceria entre o projeto de extensão e o Colégio Estadual Manoel Ribas, nos anos de 2016 e 2017, com proposta de oficinas na área de Educomunicação.



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

A escola é localizada na Vila Torres, uma área em situação de vulnerabilidade social da capital paranaense. A instituição é uma das poucas da rede estadual de Curitiba a possuir ensino integral – existem componentes que são ofertados, no período da tarde, para as turmas de ensino fundamental. As oficinas ministradas pelo NCEP eram uma das atividades ofertadas no contraturno escolar.

No decorrer de 2016, foram elaboradas oficinas de notícias (a fim de fomentar o debate sobre como a mídia hegemônica retrata o bairro no qual a escola se encontra), radionovelas, produção de vídeos, reportagens de rádio e uma série de fotos que mostrava o olhar deles sobre o próprio colégio. Os produtos radiofônicos foram intitulados de “Ribas News” e veiculados no site do núcleo. Os alunos também mantinham o “Fala, Manecão!”, um blog com a função de jornal online.

Todas as oficinas aconteciam após dinâmicas introdutórias, que possibilitaram uma maior aproximação entre os alunos e os universitários. Vale ressaltar que os temas abordados nos encontros seguiam a proposta inicial de fazer com que os estudantes tivessem autonomia para eleger os assuntos.

Durante o período de parceria com o Colégio Estadual Manoel Ribas, os membros do NCEP enfrentaram situações desafiadoras, como a greve de professores, que atrasou o cronograma, a desorganização na escolha dos componentes – a direção demorou a permitir que os alunos escolhessem o componente de sua preferência, o que atrasou o início das oficinas –, o desinteresse pelas propostas de rádio, que acabaram sendo adaptadas para o formato de vídeo, e a dificuldade de trabalho em meio a uma vulnerável realidade socioeconômica. Ao longo do primeiro semestre do ano passado, os obstáculos tornaram-se cada vez maiores, fato que inviabilizou a existência das oficinas.

O desgaste se deu, principalmente, nos últimos seis meses de parceria, a qual perdurou até junho de 2017. No ano passado, as oficinas, que eram semanais, não aconteceram de modo periódico. Muitas vezes os membros do NCEP se deslocavam até a escola e, ao chegar lá, não havia sala reservada para a realização das atividades, ou os alunos inscritos estavam participando de outro componente no mesmo horário.

A falta de planejamento da administração escolar foi um ponto decisivo para impedir a continuidade do projeto. Além disso, o colégio passava por um momento conturbado e tinha questões urgentes a serem gerenciadas, o que deixou a oficina em segundo plano. Por mais que a escola declarasse interesse na parceria entre a universidade e os alunos, os professores e administradores não estavam dispostos a conciliar a rotina, minimamente, para a concretização dos trabalhos.



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

Outro caso de projeto educomunicacional com pouco retorno positivo foi o Comunidade Escola. Em regiões vulneráveis socioeconomicamente e carentes de áreas de lazer, o ambiente escolar se torna ainda mais importante para a comunidade. Aos sábados, algumas escolas públicas curitibanas são abertas para receber alunos e a população em geral, para a realização de oficinas.

Em parceria com a Prefeitura de Curitiba em agosto de 2017, o NCEP se dispôs a elaborar atividades de educomunicação, sendo a maioria relacionadas à fotografia e ao rádio. Um dos principais desafios estava na elaboração do planejamento das oficinas, pois como era aberto ao público, não era possível estimar a quantidade de pessoas presentes, quanto tempo ficariam no local e qual seria a faixa etária dos atingidos – em certa ocasião aconteceu de a mesma turma ser formada por crianças de seis anos e adultos com mais de 25.

Além do alto grau de dificuldade em ofertar a mesma proposta de atividade para um público tão diverso, conquistar a atenção de todos, ao mesmo tempo, representava outro desafio. A tomar como exemplo um dos encontros, a oficina iniciou com cerca de 30 pessoas e terminou com apenas dez. Após esse dia, o núcleo passou a se preocupar ainda mais com a prevenção de episódios como esse. Uma das saídas encontrada foi sempre possuir dinâmicas de “emergência”.

O Comunidade Escola contou somente com três encontros, que ocorreram uma vez por mês de agosto a outubro, em diferentes escolas da capital do Paraná. A renovação do projeto para este ano deparou-se com entraves, os quais impediram que a parceria seguisse adiante. A prefeitura burocratizou a realização das oficinas e buscou firmar um convênio (entre o NCEP, a universidade e o poder municipal), que ficou em trâmite por mais de seis meses. Tal situação teve como consequência a não realização de oficinas e o afastamento de possíveis vínculos entre o projeto de extensão e a Prefeitura de Curitiba.

A relação com os movimentos sociais

Outra vertente que o NCEP segue é a Comunicação Popular, um método alternativo de comunicação originário dos movimentos populares das décadas de 1970 e 1980 na América Latina. Como explica Peruzzo: “a comunicação popular surge como uma necessidade e se realiza articulada às práticas sociais. Ela contribui com maior ou menor intensidade para a democracia, dependendo dos instrumentos, das formas e da metodologia que utiliza” (PERUZZO, 2004, p. 302).



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

Atualmente o núcleo atua na produção do “Jornal da Caximba”, um jornal feito em parceria com o Ministério Público do Estado do Paraná (MPPR) e os moradores da Caximba – uma região em situação de vulnerabilidade social, localizada no antigo aterro sanitário da capital paranaense. Outra experiência semelhante era o jornal “A Laje”, que durante oito anos foi elaborado por representantes do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) em Curitiba e região metropolitana. Com o intuito de democratizar o acesso à informação, o conteúdo do jornal apresentava uma linguagem jornalística de fácil compreensão.

“A Laje” surgiu em 2010, fruto de uma parceria entre o MPPR, o MNPR e o projeto de extensão em questão. A primeira edição foi lançada no dia 12 de novembro do mesmo ano, no Encontro sobre a Saúde da População em Situação de Rua. Cabia ao núcleo apenas a responsabilidade de diagramar o jornal, já que a fabricação das matérias era atribuída aos próprios distribuidores e consumidores: as pessoas em situação de rua, que contatavam sindicatos para viabilizar a impressão. As reuniões de pauta aconteciam sem datas pré-estipuladas, variavam de acordo com a demanda e a disponibilidade dos escritores envolvidos.

A partir de 2017, o movimento sofreu um processo de politização, que acabou por afastar a ideia original da emancipação de toda uma classe. A horizontalidade do processo diminuiu, uma vez que as tarefas passaram a ser distribuídas pela coordenação, em um tom autoritário, assim como a definição das pautas, que não eram mais escolhidas de forma colaborativa. Nesta fase do projeto, faltava discernimento entre as atividades de uma assessoria de imprensa e o objetivo proposto inicialmente pela extensão. O MNPR esbarrou em um dos itens do regimento interno do núcleo, o qual impede a prestação de serviços do tipo assessoria.

Diante do conflito, as reuniões de pauta (que destacavam ações do movimento em si e não as reivindicações das pessoas em situação de rua enquanto sujeitos) ficaram cada vez mais espaçadas, bem como a produção de conteúdo para o jornal. O representante não só inibiu a participação efetiva dos outros membros, como também desejava que as matérias fossem escritas pelos universitários.

Por meses o projeto permaneceu inativo, as tentativas de reconciliação com “A Laje” perduraram cerca de um ano e meio. A 39ª e última edição⁴ foi lançada em junho de 2017 e abordava principalmente

⁴ A [primeira](#) e a [última](#) edição de “A Laje” estão disponíveis em formato PDF.



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

os encontros promovidos pelo MNPR. Da primeira até a edição final, a presença do movimento é evidente, porém, o espaço de fala dos indivíduos foi reduzido. Em 2010, é possível notar a existência de seções, que foram deixadas de lado com o passar do tempo, como a área destinada à publicação de poesia e outra a informações úteis. A falta de produtividade dos parceiros, somada à dificuldade de estabelecer um acordo, encaminhou para o término do projeto de extensão, em junho deste ano.

Aprendendo com os obstáculos

As respostas negativas de um projeto também são importantes e transformam-se em aprendizados. O primeiro semestre de 2017 foi limitado (do ponto de vista da geração de produtos) pelo empenho em ações inefetivas, que demandavam tempo, gastos financeiros e planejamento. Além disso, membros do NCEP estavam comprometidos com as atividades citadas neste artigo que já não estavam mais acontecendo e, por isso, novas propostas de atuações precisaram ser adiadas.

Perceber que um projeto não está mais “indo para frente” não deve ser uma notícia desanimadora, nem representar o término permanente de uma parceria. Embora se tenha a vontade de concluir as propostas iniciadas, é preciso ter ciência de que nem sempre universidade e comunidade possuem o mesmo ritmo de trabalho ou os mesmos objetivos – e que eles podem mudar durante a realização do projeto.

Os convênios são desfeitos de modo diplomático, pois não se descarta a possibilidade de uma reconciliação no futuro. O distanciamento temporário serve, principalmente, para o núcleo perceber quais medidas foram bem sucedidas e pensar em novas formas de abordagem, para não repetir com novos parceiros o procedimento reprovado anteriormente.

Caso o planejamento inicial das oficinas não esteja progredindo conforme o esperado, o mais adequado é a adaptação de novos métodos o quanto antes, a fim de tornar a experiência agradável para todos os envolvidos. Insistir em medidas já percebidas como inadequadas tornam as atividades enfadonhas – para quem oferece e para quem participa.

Algumas escolas possuem uma percepção equivocada a respeito da inserção da universidade por meio de projetos de extensão. Nem sempre são ofertadas condições de estrutura de espaço na grade para a realização das atividades, ou a extensão é observada como mera recreação. Nos últimos meses da parceria



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

com Colégio Estadual Manoel Ribas, a direção solicitava a apresentação dos produtos das oficinas, mas não auxiliava para viabilizá-las. Em casos como esse, é necessário estabelecer um diálogo constante, acompanhado de uma avaliação, para redirecionar as atividades de modo a contemplar as expectativas dos envolvidos, sem esquecer dos eixos fundamentais que orientam as práticas extensionistas.

Quanto mais tempo de contato com outras realidades, melhor o desenvolvimento da capacidade empática por parte dos integrantes do NCEP. Tal conceito esbarra em um dos problemas centrais do núcleo: a rotatividade de pessoas. Ao entrar no projeto de extensão, grande parte dos conhecimentos relacionados à convivência com os parceiros são adquiridos na prática, o que representa um passo para trás a cada troca de gestão. O vínculo criado com a comunidade-alvo deve vir acompanhado da ideia de que o elo não é vitalício.

A fim de manter a coesão do grupo e evitar a perda dos ensinamentos provenientes das atividades de extensão, o núcleo conta com o apoio do coordenador do programa e dos alunos mais experientes (ex-participantes). São realizadas reuniões semanais com relatos sobre o andamento de cada projeto. Os informes são colocados em uma ata, que funcionam como memória. Além dos registros fragmentados, anualmente são elaborados relatórios, que contemplam todos os projetos e descrevem objetivos, métodos e resultados.

Lidar com pessoas é um exercício sem receita prévia, cada grupo e circunstância exige um posicionamento e formas de relacionamento próprios. É preciso respeitar o estilo de vida, conhecer as limitações e buscar compreender como cada comunidade interage com o tempo, que tende a ser uma interpretação diferente. Ao se tratar de movimentos sociais, a militância, o uso de alguns projetos como ferramentas políticas e a distorção dos objetivos a favor de causas de um grupo minoritário tornam o relacionamento delicado. Cabe aos comunicadores praticar o conceito de alteridade e se colocar no lugar do outro durante o processo de relação interpessoal.

Manter todos os projetos vinculados ao programa não é possível apenas com recursos humanos. É preciso que a universidade incentive financeiramente a extensão, do mesmo modo que financia a pesquisa acadêmica. Enquanto o NCEP sobrevive apenas com auxílios de bolsas, os projetos de pesquisa contam com apoio financeiro para eventos e desenvolvimento das atividades. Embora a extensão tenha contato direto com o terceiro setor e exerça um papel fundamental para a sociedade, ela não é devidamente valorizada pela universidade, nem recebe incentivos suficientes para a manutenção dos trabalhos.



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís – Maranhão.

Referências

FALA, MANECÃO! Jornal Online do Colégio Estadual Manoel Ribas. Disponível em: <<http://falamanecao.blogspot.com/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

JORNAL A LAJE. Disponível em: <<https://issuu.com/alaje>>. Acesso em: 12 set. 2018.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 302.

RIBAS NEWS. Disponível em: <<http://www.ncep.ufpr.br/novo/?tag=manoel-ribas>>. Acesso em 12 set. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-ECA/USP). São Paulo: NCE-ECA/USP, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 15 set.